

Ana Luísa Rodrigues (2008), *Aos olhos do Mundo – Portugal e os Portugueses Retratos por Correspondentes Estrangeiros*

Livros Horizonte, Coleção Media e Jornalismo, Lisboa

**Carla Baptista**

FCSH-UNL

O livro de Ana Luísa Rodrigues, jornalista da RTP, resulta de uma investigação de Mestrado concluída em 2005 no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, com orientação de Cristina Ponte (Ciências da Comunicação) e Ana Nunes de Almeida (Sociologia). Trata-se de um projecto académico transdisciplinar que reúne três ambições: elaborar uma sociologia do discurso e das condições de produção das notícias realizadas pelos correspondentes estrangeiros em Portugal; analisar as características que fazem do grupo dos correspondentes estrangeiros uma “comunidade interpretativa transnacional” (partilhando uma cultura profissional que inclui valores, códigos linguísticos, normas de comportamento e configura uma identidade colectiva); traçar uma história social deste grupo, recolhendo histórias de vida e procurando conhecer diacronicamente as suas rotinas produtivas e percursos pessoais.

A articulação das três disciplinas (Sociologia, Ciências da Comunicação e História) permite desde logo posicionar os media como produtores e construtores da realidade e fazer atravessar esta perspectiva construtivista por uma preocupação mais articulada com a natureza do objecto de análise: perceber como as diversas pertenças culturais influenciam o olhar e a apropriação que os correspondentes fazem do país.

A actual Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal (AIEP, com 47 sócios oriundos de cerca de 15 países) surgiu em 1975, mas teve como antecedente a Associação da Imprensa Estrangeira em Lisboa (AIEL), fundada em 1955, com representantes de mais de uma dezena de grandes órgãos de comunicação. Só os Estados Unidos mantiveram na capital portuguesa vários jornalistas ao serviço da *Associated Press*, *United Press International*, *The New York Times*, *Time Life Magazine*, *Hearst Newspapers*, *Editors Press Service* e *Journal of Commerce*. A Inglaterra estava representada por sete grandes jornais e agências noticiosas, incluindo *The Times*, *Daily Telegraph*, *The Financial Times* e *Sunday Express*.

Está ainda por estudar o papel que as delegações das grandes agências noticiosas internacionais, como a *Reuters* e a *France Press* desempenharam na renovação do jornalismo português durante as décadas de 60 e 70 do século XX, mas sabemos que foram para muitos jovens repórteres uma fonte de aprendizagem de novas formas de escrita, mais jornalísticas e menos literárias, num tempo em que não havia escolas de jornalismo nem sequer circulavam manuais e livros sobre técnicas de redacção.

O capítulo 5, dedicado à análise dos resultados do inquérito aos correspondentes elaborado pela autora, permite traçar um perfil desta comunidade, maioritariamente constituída por duas nacionalidades: espanhola (dez casos) e brasileira (sete casos), seguindo-se, por ordem decrescente, norte-americanos, franceses, britânicos e cabo-verdianos. Mais de dois terços dos correspondentes são homens, com formação superior e trabalhando para agências de informação ou órgãos de imprensa escrita. A cobertura noticiosa de Portugal faz-se sobretudo através da associação de temas da área da Política mais Economia, estando menos representados os temas da Sociedade ou da Cultura e é muito grande a dependência de fontes de informação nacionais, incluindo os próprios media (internet, televisão e jornais).

Vários correspondentes referem a necessidade de recorrer a diversas estratégias informativas para potenciar as notícias sobre Portugal, um país visto como subalterno no mapa das principais rotas das trocas noticiosas. Normalmente, o foco é posto em assuntos mais directamente relacionados com relações diplomáticas bilaterais.

A autora encontrou uma tendência para a alteração dos enquadramentos tradicionais de Portugal, com uma valorização crescente de peças mais directamente ligadas com “estilos de vida” que dão conta de uma vivência mais cosmopolita do país, reforçando a sua histórica natureza multicultural. A própria proveniência geográfica dos correspondentes reflecte as várias ondas migratórias das comunidades que mais têm demandado Portugal como destino para trabalhar: depois dos africanos e dos brasileiros, o *trend* actual parece fixar-se nos espanhóis e, na lógica de distribuição dos correspondentes pelo mundo, Lisboa figura como um satélite de Madrid.

A autora realizou uma extensa pesquisa empírica, recolhendo mais de 14 histórias de vida que compõem um puzzle de histórias de vida muito rico. É suportada nestes relatos dos percursos biográficos e profissionais dos correspondentes estrangeiros que a autora traça um fresco interessante de uma comunidade jornalística quase desconhecida e cujos hábitos de trabalho se foram alterando radicalmente nas últimas décadas.

Os tempos do trabalho colectivo efervescente que em 1974 trouxeram a Portugal multidões de escribas ávidos de cobrir a festa de Abril, que animavam a sala de Imprensa do Palácio Foz e prolongavam as tertúlias literárias, políticas e jornalísticas nas ruas e cafés do Chiado e Bairro Alto, deram lugar a um grupo disperso de burgueses freelances, que raramente reportam acontecimentos fora de Lisboa e mantêm em si poucos encontros profissionalmente relevantes – sinal disso é a escassez da vida associativa da AIEP, reduzida a uma gala anual para atribuir o título de personalidade do ano a um cidadão português.